

# Racismo Algorítmico e cultura digital: Um olhar a partir da Inteligência artificial (IA)

Lilian Quelle Santos de Queiroz<sup>1</sup>  Arnaud Soares de Lima Júnior<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia - Brasil

\*Autora de correspondência: [lilian@uefs.br](mailto:lilian@uefs.br)

## PALAVRAS-CHAVE:

Cultura Digital  
Inteligência Artificial  
Racismo Algorítmico

## KEYWORDS:

Algorithmic Racism  
Artificial intelligence  
Digital Culture

## PALABRAS-CLAVE:

Cultura digital  
Inteligencia artificial  
Racismo algorítmico

## RESUMO

Este trabalho apresenta-se como um ensaio teórico que aborda as relações entre racismo algorítmico e inteligência artificial no âmbito da cultura digital. Como proposição metodológica baseia-se na perspectiva qualitativa utilizando-se da revisão sistemática de artigos acadêmicos, livros e publicações relevantes com ênfase nas atuais discussões acerca do Racismo Algorítmico fomentado por bases que alimentam as big techs e, por consequência, a Inteligência Artificial (IA) generativa e seus vieses, identificando desse modo, padrões e tendências no estudo do racismo algorítmico. Como considerações preliminares apontamos que essas bases não emitem registros e parâmetros de forma isenta, muito menos despreziosa, e que detectar essa provável intencionalidade pode se converter em uma possível maneira de subverter a hegemonia desses conglomerados digitais.

## ABSTRACT

This research presents itself as a theoretical essay that addresses the relationships between algorithmic racism and artificial intelligence within the scope of digital culture. As a methodological proposition, it is based on a qualitative perspective using the systematic review of academic articles, books and relevant publications with an emphasis on current discussions about Algorithmic Racism fostered by bases that feed big techs and, consequently, Artificial Intelligence (AI) generative approach and its biases, thus identifying patterns and trends in the study of algorithmic racism. As preliminary considerations, we point out that these databases do not issue records and parameters in an impartial, much less unpretentious, manner, and that detecting this probable intentionality can become a possible way of subverting the hegemony of these digital conglomerates.

## RESUMEN

Este trabajo se presenta como un ensayo teórico que aborda las relaciones entre el racismo algorítmico y la inteligencia artificial en el ámbito de la cultura digital. Como propuesta metodológica, se sustenta en una perspectiva cualitativa utilizando la revisión sistemática de artículos académicos, libros y publicaciones relevantes con énfasis en las discusiones actuales sobre el Racismo Algorítmico fomentadas por bases que alimentan a las grandes tecnologías y, en consecuencia, a la Inteligencia Artificial (IA) generativa. enfoque y sus sesgos, identificando así patrones y tendencias en el estudio del racismo algorítmico. Como consideraciones preliminares, señalamos que estas bases de datos no emiten registros y parámetros de manera imparcial y mucho menos sin pretensiones, y que detectar esta probable intencionalidad puede convertirse en una posible forma de subvertir la hegemonía de estos conglomerados digitales.

**SUBMETIDO:** 30 de junho de 2024 | **ACEITO:** 07 de julho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2024

© ODEERE 2024. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## Introdução

A discussão sobre o racismo algorítmico tem se mostrado cada vez mais necessária, sobretudo na última década, especialmente porque essa prática tem se tornado evidente nas redes sociais e digitais. Levando em consideração que, as plataformas que sustentam as ferramentas de “inteligência artificial” se utilizam de base de dados historicamente instituídos, tendendo, assim a repeti-los de forma nada involuntária, por muito menos aleatória, o padrão excludente das minorias tende a continuar se repetindo sob o pretexto de outra roupagem. Como questão norteadora busca-se entender como o racismo algorítmico se manifesta dentro da cultura digital. Exemplos incluem a forma como os algoritmos de reconhecimento facial, moderação de conteúdo e publicidade online podem discriminar indivíduos com base em características raciais, influenciando a produção e interpretação de imagens e conteúdos visuais.

Compreender e desmistificar o racismo algorítmico na cultura digital é relevante para compreender e mitigar os impactos negativos que estas tecnologias podem oportunizar para a sociedade. Ao identificar e analisar os vieses presentes nos sistemas de inteligência artificial (IA), como se comportam e se manifestam, é possível desenvolver estratégias para promover uma cultura digital mais ética e menos excludente.

Em uma sociedade conhecida como sociedade da Informação se faz necessário compreender e problematizar, de forma crítica, como funcionam esses mecanismos, que critérios utilizam para dispor suas informações, bem como as informações dos “usuários”, termo utilizado para designar quem interage junto a essas plataformas, bem como compreender de que maneira esse fenômeno reproduz e se revela diretamente na configuração social, ditando e emitindo possíveis padrões.

Esta reflexão se faz importante uma vez que ainda se acredita, equivocadamente, que as tecnologias digitais são objetivas, puramente racionais e imparciais, o que as levam para o caminho das decisões neutras. No entanto, o desenvolvimento de tecnologias algorítmicas se baseia em históricos sociais, resultando em uma suposta inteligência artificial (IA). Infelizmente, essa “desinteligência” artificial perpetua opressões, como o racismo estrutural,

enquanto é comercializada como neutra (TARCÍZIO SILVA, 2023). Como composição metodológica aqui elegida tem-se a Revisão sistemática de artigos acadêmicos, livros e publicações relevantes para identificar padrões e tendências no estudo do racismo algorítmico, uma vez que a pesquisa qualitativa é adequada para explorar as nuances e complexidades dos processos sociais e culturais, permitindo uma compreensão profunda dos fenômenos estudados (GIL, 2017).

### **Sobre Inteligência Artificial (IA), Cultura digital e linguagens visuais: tecendo aproximações**

As linguagens visuais desempenham um papel fundamental na comunicação e na formação de identidades culturais na sociedade contemporânea. Em meio a inúmeras modalidades de disseminação de informações, das mais diversas, elas são compostas por imagens, símbolos, cores e formas que, em conjunto, transmitem significados complexos, multifacetados e interrelacionais. Dentro do contexto da cultura digital, essas linguagens são amplificadas e disseminadas por meio de plataformas digitais, influenciando a percepção e o comportamento das pessoas em escala global. A cultura digital, caracterizada pela predominância das tecnologias digitais e pela conectividade em rede (CASTELLS, 1999), tem transformado as práticas culturais, criando formas de interação e expressão.

A Inteligência Artificial (IA), como uma tecnologia emergente, do ponto de vista como é conhecida atualmente, vem ocupando um papel cada vez mais significativo na modelagem dessas práticas culturais. Algoritmos de IA são utilizados em uma variedade de aplicações, desde sistemas de recomendação e reconhecimento facial até plataformas de mídia social, buscas e publicidade online. No entanto, à medida que essas tecnologias avançam, torna-se evidente que elas não são neutras. Os algoritmos de IA podem reproduzir e amplificar preconceitos humanos, levando ao que é conhecido como racismo algorítmico. Este fenômeno refere-se à perpetuação de discriminações raciais através de decisões automatizadas, que frequentemente refletem os vieses presentes nos dados com os quais foram treinados. Como nos sinalizam Rocha *et al.* (2020)

A adesão às tecnologias da Indústria 4.0 – notadamente, Big Data, Data Analytics, Computação em Nuvem, I.A e Internet das Coisas –, não pode mais ser considerada neutra sobre diversidade, equidade e inclusão. Assim, Big Techs não podem mais permanecer isentas de responsabilidade pelas consequências antiéticas da utilização de recursos como algoritmos na automação de processos internos. Uma das inúmeras críticas a respeito da alta implementação de algoritmos na dinâmica de trabalho da big economy é o viés racista que esses códigos podem manifestar na experiência do usuário nas redes sociais virtuais, as quais atualmente servem para uma multiplicidade de finalidades e, principalmente, como locais de conexão de pessoas a prestadores de serviços, lojas e os mais diversos bens adquiríveis, caracterizando um factual mercado de trabalho (ROCHA et al., 2020, p. 3).

Desse modo, assim como não se deve fechar os olhos para a influência que as tecnologias digitais exercem sobre a sociedade, bem como o “poder” que estas mediam, também não se pode negar que, os modos discriminatórios podem se transvestir de mote tecnológico para perpetuar as teorias de discriminação impostas na sociedade quer seja pelo viés da cientificidade, como no caso do discurso da eugenia, ou pelo viés da tecnologia da informação e comunicação, como no caso do racismo algorítmico.

De modo sucinto pode-se afirmar que a Inteligência Artificial (IA) é um campo da ciência da computação que desenvolve sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana, como aprendizado, reconhecimento de padrões e tomada de decisão. No entanto, esses sistemas podem reproduzir e amplificar preconceitos humanos, levando ao que é conhecido como racismo algorítmico.

Já sobre a cultura digital, se pode inferir que ela se refere às práticas culturais que emergem da interação com as tecnologias digitais, especialmente a internet e as mídias sociais. Prassl (2019) em "What if your boss was an algorithm?" e Manuel Castells (1999) em "A sociedade em Rede" destacam a transformação das relações sociais e culturais na era digital, bem como a influência dos algoritmos nessa engrenagem. Essas tecnologias não apenas facilitam a comunicação e o acesso à informação, mas também criam formas de expressão e participação cultural no âmbito da digitalidade global.

As linguagens visuais são sistemas de comunicação que utilizam imagens, símbolos, cores e formas para transmitir informações e significados. Elas desempenham um papel fundamental na cultura contemporânea, moldando

percepções e influenciando comportamentos. Autores como Roland Barthes (1984) em "A Retórica da Imagem" exploram como as imagens são carregadas de significados culturais e ideológicos, enquanto Stuart Hall (2014) discute em "Quem precisa de Identidade?" como as representações culturais se transformam e participam da construção social da realidade.

Isto posto, cabe ainda o entendimento acerca do que se entende por "algoritmo", sobretudo dentro desse estudo. De um modo amplo algoritmos são ferramentas que, quando bem projetadas e implementadas, podem resolver uma ampla variedade de problemas, são fundamentais em várias áreas, especialmente em ciência da computação, onde são usados para processamento de dados, cálculos e automação de tarefas. São usualmente alimentados por plataformas de dados, o que em uma sociedade da informação, não é muito difícil de se realizar. A todo momento todos estão fornecendo amplo espectro de base para "alimentar" os algoritmos, quer seja em uma plataforma de busca, ao compartilhar um perfil em rede social, ao "postar" uma imagem, ou um registro qualquer.

A questão é que, tudo que é administrado pelas "Big techs" são elementos passíveis de funcionar como parâmetros para o funcionamento dos algoritmos, o que vai definindo, portanto, desde o tempo de uso de redes sociais, até o perfil de consumo dos usuários.

Definindo Big Tech dentro deste cenário, entendemos estas como conglomerados tecnológicos de ampla participação e influência na economia global. Como exemplos atuais dessas referidas big tech citamos alguns exemplos familiares a grande maioria de usuários das tecnologias digitais: a Apple: conhecida por seus produtos de hardware, como principalmente o iPhone e MacBook, além de serviços como a App Store e Apple Music; O Google: Dominante em busca online e publicidade digital, com produtos como o Google Search, YouTube e Android, além de serviços em nuvem e inteligência artificial (IA). A Microsoft: Líder em software com o sistema operacional Windows, a suíte Office e serviços em nuvem como o Azure e a Amazon: Gigante do comércio eletrônico e serviços em nuvem (armazenamento digital), também envolvida em *streaming* de vídeo, IA e dispositivos de consumo como o Kindle e o Echo.

Aliados a área de Inteligência Artificial (IA), os algoritmos são usados para criar sistemas que podem tomar decisões e resolver problemas praticamente de

forma autônoma, apenas atendendo a alguns comandos relativamente simples.

A grande questão é que a partir desse ponto, alguns desafios podem se apresentar, no tocante as questões como ética e direitos autorais, por exemplo. E assim lançamos o olhar sobre o processo denominado por racismo algorítmico entendendo que este é um fenômeno onde algoritmos, perpetuam ou até exacerbam preconceitos e discriminações presentes nos dados em que foram treinados.

Isso pode ocorrer devido a várias razões, como a qualidade e a representatividade dos dados de treinamento, o design do algoritmo, bem como as nuances implícitas dos desenvolvedores.

### **O escopo da pesquisa: exposição e análise dos dados**

Como ponto fundante deste estudo foi realizada uma busca em um banco de Dados de Estudos e pesquisas Acadêmicas de diversas plataformas, o Google Scholar, utilizando os seguintes parâmetros de investigação: Conter o termo "Racismo Algorítmico" na íntegra e no título das produções. Este filtro se deve ao fato desse fator se apresentar como fonte de relevância do tema para o estudo em questão; o segundo parâmetro diz respeito ao marco temporal, uma vez que se tem no ano de 2022 a "estreia do ChatGPT" como um relevante marco para a utilização e difusão da Inteligência Artificial (IA), elegemos como período de busca o interstício compreendido entre 2022 e 2024, buscou-se ainda como último critério, as produções oriundas de língua portuguesa.

Determinados esses parâmetros foram identificadas 19 produções que atendiam simultaneamente aos critérios previamente estabelecidos. Foram identificados, portanto, entre publicações em periódicos, livros, trabalhos de conclusão de curso e apresentação em eventos científicos dois trabalhos no ano de 2024, dez publicadas em 2023, e sete publicadas em 2022, como demonstrado no quadro a seguir:

### QUADRO 1 – Títulos Pesquisados

Nº	TÍTULOS	ANO	HOSPEDAGEM
1	Racismo algorítmico, reforço de preconceitos e uso de IA: perspectivas e desafios para a investigação criminal digital.	2024	[PDF] <a href="http://ibccrim.org.br">ibccrim.org.br</a>
2	Alexa, você é racista? Racismo algorítmico, vieses e intencionalidade	2024	[PDF] <a href="http://emnuvens.com.br">emnuvens.com.br</a>
3	Racismo algorítmico: uma revisão de literatura	2023	[PDF] <a href="http://rsdjournal.org">rsdjournal.org</a>
4	Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes sociais	2023	[PDF] <a href="http://ufac.br">ufac.br</a>
5	Racismo algorítmico, tecnodiversidade e a posição humana ante a tecnologia	2023	[PDF] <a href="http://ufrgs.br">ufrgs.br</a>
6	Interseções entre racismo algorítmico, reconhecimento facial e segurança pública no Brasil	2023	[PDF] <a href="http://cesupa.br">cesupa.br</a>
7	Panoptismo como expressão neocolonial: racismo algorítmico e a vigilância dos corpos negros	2023	[PDF] <a href="http://fapas.edu.br">fapas.edu.br</a>
8	Mulheres negras na internet: discutindo o racismo algorítmico	2023	[PDF] <a href="http://ufpel.edu.br">ufpel.edu.br</a>
9	Inteligências artificiais, ratificação de processos de marginalização e o direito	2023	[PDF] <a href="http://periodicorease.pro.br">periodicorease.pro.br</a>
10	Sexismo e racismo algorítmico: Um olhar interseccional sobre o neomaterialismo através do Midjourney	2023	<a href="http://periodicos.ufmg.br">periodicos.ufmg.br</a>
11	Racismo algorítmico: vivências e percepções de influenciadores(as) digitais negros(as)	2023	[PDF] <a href="http://africaeafrikanidades.com.br">africaeafrikanidades.com.br</a>
12	Racismo algorítmico nas relações de consumo	2023	[PDF] <a href="http://academia.edu">academia.edu</a>
13	Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais	2022	Livro Publicado
14	Racismo algorítmico: o enviesamento tecnológico e o impacto aos direitos fundamentais no Brasil	2022	[PDF] <a href="http://ufs.br">ufs.br</a>
15	Racismo algorítmico e seu impacto em influenciadores digitais negros no Instagram, Twitter e TikTok	2022	[PDF] <a href="http://ufrgs.br">ufrgs.br</a>
16	Racismo algorítmico: marcas de um passado mais que presente na segurança pública.	2022	<a href="http://biblioteca.sophia.com.br">biblioteca.sophia.com.br</a>
17	Tecnologias digitais e racismo algorítmico: perspectivas e limites à luz da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.	2022	[PDF] <a href="http://unb.br">unb.br</a>
18	Racismo algorítmico: análise dos desafios da regulação das tecnologias de reconhecimento facial no Brasil.	2022	[PDF] <a href="http://unb.br">unb.br</a>

19	Racismo Algorítmico: representação racial e dimensões socioeconômicas em bancos de imagens digitais.	2022	[PDF] unb.br
----	--	------	--------------

**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2024.

Em todas essas publicações elencadas nessa busca, quer sejam elas em formato de teses, dissertações, livros, e artigos publicados em periódicos e/ou eventos científicos, há um enfoque diferente acerca das nuances relativas ao racismo algorítmico. Questões de gênero, questões de etnia, questões econômicas e por último, porém não menos importante temas relacionando a segurança pública permearam a discussão que tem como fio condutor o mesmo racismo algorítmico.

Não é novidade que as formas de conhecimento inerentes as comunidades indígenas e afrodiáspóricas são desmerecidas ou marginalizadas nos ambientes acadêmicos. Essa realidade aos poucos tem ganhado outras formas, porém, esse fato deve-se a hegemonia colonialista europeia de conhecimento que privilegia a epistemologia branca em detrimento de outras formas de saber.

A partir daqui será apresentada uma síntese acerca do que dispuseram as obras elencadas enquanto tema central, bem como serão destacados os pontos em consonância e dissonância das mesmas no tocante ao racismo algorítmico.

A publicação de autoria de Bichara *et al.* (2024) realizou uma abordagem acerca de como algoritmos utilizados em investigações criminais podem perpetuar e até amplificar preconceitos raciais existentes, resultando em discriminação algorítmica. Revelam ainda a perspectiva de reforçar preconceitos, onde os autores exploraram como o uso de IA em contextos criminais pode reforçar estereótipos negativos sobre determinadas comunidades, especialmente as afrobrasileiras e indígenas, devido a nuances presentes nos dados de treinamento.

Jean Carlos de Oliveira e Priscila Almeida Cunha Arantes (2024) publicaram um estudo que buscou investigar como assistentes virtuais, como *Alexa*, por exemplo, podem manifestar racismo algorítmico através de respostas e interações com os usuários. Vieses nos Dados de Treinamento: Os autores discutem como o tratamento nos dados de treinamento utilizados para desenvolver assistentes virtuais podem levar a comportamentos discriminatórios.

O destaque da publicação “Racismo algorítmico: uma revisão de literatura” de Nyland (2023) vai para a contribuição no sentido de apontar desafios e limitações na luta contra o racismo algorítmico, incluindo a complexidade dos algoritmos, a falta de transparência dos processos de decisão e a resistência a mudanças nas práticas estabelecidas numa espécie de “estado da arte” do racismo algorítmico. Sugere ainda áreas para futuras pesquisas, enfatizando a necessidade de estudos interdisciplinares que considerem aspectos técnicos, éticos e sociais do racismo algorítmico.

Anderson Fontes da Silva (2023) abordou enquanto pontos principais: o racismo algorítmico como a discriminação sistemática que emerge dos algoritmos usados em redes sociais, destacando a influência desses sistemas na perpetuação de preconceitos raciais. Silva discute como algoritmos de redes sociais, treinados em grandes volumes de dados históricos e sociais, podem internalizar e replicar discriminações raciais, resultando em tratamento desigual de usuários com base na raça. O estudo apresentou ainda exemplos de discriminação nas redes sociais, como a moderação de conteúdo tendenciosa, onde postagens de indivíduos de minorias raciais são removidas ou marcadas com mais frequência do que as de outros grupos, analisando o impacto do racismo algorítmico nas redes sociais, ressaltando como ele pode exacerbar desigualdades raciais e contribuir para a marginalização de grupos já vulneráveis. Outro ponto de destaque versa sobre a responsabilidade das empresas de tecnologia em reconhecer e abordar o racismo algorítmico, argumentando que essas empresas devem adotar práticas mais transparentes e inclusivas.

Valentina Fonseca da Luz (2023) incluiu estudos de caso que ilustram como a falta de tecnodiversidade contribuiu para falhas tecnológicas e discriminação, oferecendo exemplos de iniciativas bem-sucedidas que adotaram práticas inclusivas. A autora sugere direções para futuras pesquisas, enfatizando a necessidade de abordagens interdisciplinares e colaborativas para enfrentar os desafios do racismo algorítmico e promover a tecnodiversidade.

Em Jéssica Pérola Melo Coimbra et al. (2023) o artigo define o racismo algorítmico e contextualiza sua ocorrência no âmbito da tecnologia de reconhecimento facial, explicando como preconceitos existentes na sociedade são replicados e amplificados por sistemas de inteligência artificial. Os autores

sugerem recomendações para mitigar o racismo algorítmico, incluindo a necessidade de maior diversidade nas equipes de desenvolvimento de IA, transparência nos processos de criação de algoritmos e a implementação de mecanismos de auditoria e responsabilidade. São exploradas diferentes perspectivas teóricas sobre a interseção entre tecnologia, racismo e direitos humanos, destacando a importância de abordar o racismo algorítmico como uma questão de justiça social e direitos civis.

Resumindo agora o artigo de autoria de Caique Jasley Rosa Nascimento (2023) o qual contextualiza o conceito de “panoptismo”, originalmente desenvolvido por Michel Foucault, e o relaciona ao neocolonialismo contemporâneo, destacando como as práticas de vigilância atuais refletem estruturas de poder e controle herdadas do colonialismo. A publicação explora ainda como algoritmos utilizados em sistemas de vigilância, especialmente tecnologias de reconhecimento facial e monitoramento de comportamento, perpetuam o racismo estrutural. Argumenta-se que esses sistemas discriminam desproporcionalmente pessoas negras, reforçando estereótipos raciais.

Já Cyntia Barbosa Oliveira e Marcus Vinicius Spolle (2023) examinam em seu trabalho como o racismo algorítmico afeta especificamente as mulheres negras, explorando a interseção entre discriminação racial e de gênero em plataformas digitais e tecnologias de inteligência artificial. Os autores analisaram a representação e visibilidade das mulheres negras na internet, destacando como algoritmos de recomendação e busca podem perpetuar estereótipos negativos e invisibilizar experiências e vozes negras. Foram apresentados exemplos de como mulheres negras são discriminadas por algoritmos em diversas plataformas online, incluindo redes sociais, mecanismos de busca e serviços de publicidade digital. Estes exemplos ilustram a abrangência e impacto do racismo algorítmico. Enfatizam ainda a importância da educação e conscientização sobre o racismo algorítmico, sugerindo a inclusão deste tema em currículos educacionais e a realização de campanhas de sensibilização para o público geral.

Luís Filipe da Silva Nascimento (2023) apresentou em seu artigo como as IAs contribuem para a marginalização de grupos raciais minoritários ao reproduzir padrões de discriminação. Destaca ainda exemplos em áreas como contratação de empregos, sistemas de crédito e reconhecimento facial e apresenta estudos de

caso em que a utilização de IA resultou em discriminação racial, como no setor de segurança pública com reconhecimento facial que desproporcionalmente identifica indivíduos negros como suspeitos. Examina o papel do direito na regulação do uso de IAs propondo marcos legais que garantam a justiça e a equidade no desenvolvimento e aplicação dessas tecnologias, além de apontar para a necessidade de políticas públicas que abordem diretamente o racismo algorítmico.

A autora Amanda Maria de Sobral Gomes (2023) aplicou o conceito de neomaterialismo e sua aplicação no estudo de algoritmos explorando a interseccionalidade e analisando como identidades múltiplas (como raça e gênero) se intersectam na experiência de discriminação algorítmica. Define ainda racismo algorítmico como “a reprodução de preconceitos raciais através de sistemas de IA” e examina como o sexismo é perpetuado por algoritmos, influenciando desde recomendações de conteúdo até decisões de recrutamento.

Nessa perspectiva Brunno Ewerton de Magalhães Lima e Carla Fernanda de Lima (2023) investigaram as experiências vividas por influenciadores digitais negros em plataformas online, explorando como esses indivíduos enfrentam o racismo algorítmico em suas práticas e interações digitais. Os autores analisam as percepções dos influenciadores negros em relação aos algoritmos das redes sociais, discutindo como essas tecnologias podem reproduzir preconceitos e impactar negativamente sua visibilidade, alcance e monetização. É abordado ainda como o racismo algorítmico influencia as estratégias de criação de conteúdo dos influenciadores negros, levando em consideração a necessidade de adaptação e resistência frente aos vieses presentes nos algoritmos. Discute também a importância da representatividade na mídia digital e como o racismo algorítmico pode dificultar a representação positiva e inclusiva de pessoas negras, tanto na criação quanto na promoção de conteúdo. Os autores exploram os desafios enfrentados pelos influenciadores digitais negros e propõem estratégias de resistência, incluindo a advocacia por mudanças nas políticas das plataformas digitais, o fortalecimento de redes de apoio e a educação sobre justiça algorítmica.

Em seu artigo intitulado “Racismo Algorítmico nas Relações de Consumo”, o advogado Jonas Sales Fernandes da Silva (2023) discutiu o uso de algoritmos em

diversos setores pelo viés do direito, incluindo o consumo. Ele observa que algoritmos são sequências de etapas e procedimentos que visam chegar a um resultado específico. Esses algoritmos se baseiam em informações históricas para prever o futuro de maneira eficiente, de acordo com objetivos predeterminados. Destaca que anteriormente, a dificuldade residia em obter informações históricas para alimentar os algoritmos. No entanto, com o advento das redes sociais, os próprios usuários fornecem bilhões de dados diariamente. O questionamento central é a qualidade e o interesse por trás desses dados. Embora os algoritmos sejam baseados em matemática e ciências exatas, as redes sociais (que alimentam esses algoritmos) podem perpetuar neutralidade e meritocracia, mas também podem ser palco de racismo, sexismo e noções falsas de mérito, nas palavras do autor.

Sobre o livro "O livro "Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e Discriminação nas Redes Digitais" de Tarcízio Silva (2022) o texto explora a incorporação de hierarquias raciais nas tecnologias digitais de comunicação e informação e de que maneira essa estruturação contribui para manutenção do racismo. O autor investiga o fenômeno do racismo algorítmico em mídias sociais, dentre outros buscadores, visão computacional e reconhecimento facial. Enfatizando que quando algoritmos recebem o "poder de decidir", os potenciais discriminatórios se multiplicam, o que afeta de forma negativa e pejorativa minorias raciais, já historicamente marginalizadas. O livro dialoga com intelectuais e variadas exposições de saberes, com ênfase em colaborações afrocentradas, decoloniais e brasileiras.

Bruna Dias Fernandes Lima (2022) em sua dissertação de mestrado intitulada "Racismo Algorítmico: O Enviesamento Tecnológico e o Impacto aos Direitos Fundamentais no Brasil", abordou questões relacionadas ao racismo algorítmico e seus efeitos nos direitos fundamentais, explorando o racismo, preconceito e discriminação, fornecendo um panorama conceitual. Destacou que o combate ao racismo no contexto dos direitos humanos inclui refletir e questionar a discriminação por autoridades públicas na segurança e nas plataformas virtuais.

O trabalho monográfico de autoria de Taiwô Prudêncio Araújo (2022) investigou o racismo algorítmico e seu efeito nos influenciadores digitais negros nas plataformas Twitter (atual "X") e Tiktok O quadro teórico inclui conceitos de racismo

estrutural e reflexões sobre algoritmos. Essa pesquisa destaca a necessidade contínua de conscientização e ação para promover uma experiência menos injusta e excludente nas redes sociais. Discutem a neutralidade dos algoritmos e como ela afeta influenciadores negros. Sinalizam ainda para a disparidade entre influenciadores negros e brancos nas referidas plataformas.

A tese de autoria de Cristiane Cacera Lovatel (2022) abordou o impacto da inteligência artificial na segurança pública e como os algoritmos podem perpetuar discriminações. Traz como exemplo é o reconhecimento facial, que frequentemente falha ao identificar rostos negros, aumentando o risco de condenações injustas. Destaca que o racismo algorítmico não é meramente tecnológico, mas também sociológico, refletindo estruturas de poder presentes na sociedade.

O autor Gabriel de Araújo Oliveira (2022) trouxe como destaque a não neutralidade das tecnologias digitais e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), abordando um panorama normativo da LGPD, seus principais Instrumentos de mitigação: princípios norteadores e direito de revisão. E aponta tendências futuras no enfrentamento do racismo algorítmico a nível coletivo.

Já a publicação de autoria de Paulo Ricardo da Silva Santana (2022) investigou os desafios enfrentados pelo legislador na busca por um modelo regulatório para as tecnologias de reconhecimento facial no Brasil. O trabalho começa com uma revisão bibliográfica sobre inteligência artificial, algoritmos, big data e reconhecimento facial, esclarecendo aspectos técnicos. Em seguida, analisa projetos de lei e legislações vigentes relacionadas ao reconhecimento facial, apontando lacunas normativas. A maioria dos projetos autoriza o uso dessas tecnologias sem definir direitos e obrigações, carecendo de diálogo com outras normas setoriais. O autor destacou a importância de um projeto regulatório que busque equilibrar privacidade e segurança, considerando o alto potencial discriminatório dessas tecnologias.

A autora Emilly Fátima Ferreira de Lima (2022) abordou o impacto do racismo algorítmico na representação racial em bancos de imagens digitais. A autora investiga como esses algoritmos podem perpetuar desigualdades e discriminações, especialmente em relação a grupos socioeconômicos minoritários. A pesquisa analisa criticamente o papel desses bancos de imagens na construção de

narrativas visuais e destaca a necessidade de regulamentação e conscientização para mitigar os efeitos prejudiciais dessas tecnologias.

As produções aqui elencadas retratam um contexto atual, apresentando análises relativas a cada contexto aplicado, porém destacam problemáticas comuns que se encontram ao longo de suas abordagens.

Como síntese em comum nas obras analisadas, destaca-se que todos os autores apresentam, a partir da especificidade de cada temática, um contundente embate ao mito da neutralidade no tocante a ação algorítmica e como esses mecanismos funcionam como instrumentos de intensificação de discriminação, sobretudo racial.

Sugerem como ponto de transição práticas mais transparentes e menos técnicas de desenvolvimento e discutem as implicações éticas e sociais do uso de tecnologias de vigilância algorítmica, enfatizando a necessidade de políticas públicas que protejam os direitos das populações marginalizadas e promovam a justiça racial e defendem os processos educativos e formativos, além da conscientização como ferramentas indispensáveis para combater preconceitos dentro da tecnologia, destacando a importância de abordagens éticas e regulatórias para enfrentar esses desafios e promover uma tecnologia menos injusta e menos excludente.

## **Conclusão**

Como forma de discussão buscamos fomentar e desmistificar o papel isento das Inteligências Artificiais (IA) enquanto fomentadoras de desigualdades e como questão norteadora desse estudo busca-se entender como o racismo algorítmico se manifesta dentro da cultura digital. Inferimos que Tecnologias digitais, desenvolvidas por grupos e conglomerados hegemonicamente instituídos, que detém o poder sobre o que deve ou não ser compartilhado e o que deve ou não servir como parâmetro para a unidade algorítmica interagir. possuem interesses que poderiam sim ser relativamente atenuados com, por exemplo, uma atuação na diversidade demográfica, cultural e étnica de quem as desenvolve, aliado a essa perspectiva tem-se ainda a escolha sobre em quais tecnologias investir e com

quais finalidades e para que “tipo” de público se almeja alcançar, bem como privilegiar.

É preciso compreender ainda que o espaço digital, aqui compreendido como o *ciberespaço* ou o espaço onde a internet se dá, é uma microesfera da sociedade como um todo, de modo que a atuação humana também se dá nos mesmos moldes, de buscar ampliar vantagens de algum modo, de fortalecer a hegemonia predominantemente branca e de romper com fatores éticos por aqui já observados.

Contudo, se o racismo algorítmico se apresenta como uma face do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira (Tarcízio Silva, 2023), como emitir uma resposta à altura de barrar essas influências de caráter discriminatório? Para esta resposta busca-se ainda o caminho, no entanto há de se reconhecer que identificar essa prática de manutenção do racismo, ainda que pareça velada, já é um ponto de partida notável para romper com a hegemonia dessa estrutura.

## Referências

ARAÚJO, Taiwô Prudêncio. **Racismo algorítmico e seu impacto em influenciadores digitais negros no Instagram, Twitter e TikTok.** Trabalho de conclusão de graduação. UFRGS. URI: <http://hdl.handle.net/10183/253779>. 2022.

BARTHES, Roland. **A retórica da Imagem.** In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 27-43.

BICHARA, Anderson Andrade; CASCARDO JÚNIOR, Agostinho Gomes; PERAZZONI, Franco. **Racismo algorítmico, reforço de preconceitos e uso de IA: perspectivas e desafios para a investigação criminal digital.** *Boletim IBCCRIM*, v. 32, n. 379, p. 23-26, 2024.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COIMBRA, Jéssica Pérola Melo et al. **Interseções entre racismo algorítmico, reconhecimento facial e segurança pública no Brasil.** *Revista Jurídica do Cesupa*, v. 4, n. 2, p. 136-160, 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Amanda Maria de Sobral. **Sexismo e racismo algorítmico: Um olhar interseccional sobre o neomaterialismo através do Midjourney.** *Revista da UFMG*, v. 30, 2023.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu de (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103- 133.

LIMA, Bruna Dias Fernandes. **Racismo algorítmico: o enviesamento tecnológico e o impacto aos direitos fundamentais no Brasil**. Dissertação de Mestrado, UFS. 2022.

LIMA, Emilly Fátima Ferreira de. **Racismo Algorítmico: representação racial e dimensões socioeconômicas em bancos de imagens digitais**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO DF, 18., *Anais eletrônicos...* Organização: Sérgio Ronaldo Granemann ... [et al.]. – Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

LIMA, Brunno Ewerton de Magalhães; LIMA, Carla Fernanda de. **Racismo algorítmico: vivências e percepções de influenciadores (as) digitais negros (as)**. *Revista África e Africanidades*, Ano XVI, ed. 47-48, ago. a nov. 2023.

LOVATEL, Cristiane Cacara. **Racismo algorítmico: marcas de um passado mais que presente na segurança pública**. Tese de Doutorado. CESUSC. 2022.

LUZ, Valentina Fonseca da. **Racismo algorítmico, tecnodiversidade e a posição humana ante a tecnologia**. *Revista Contraponto*, v. 10, n. 1, p. e131121, 2023.

NASCIMENTO, Caique Jasley Rosa. **Panoptismo como expressão neocolonial: racismo algorítmico e a vigilância dos corpos negros**. *Frontistés-Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia*, v. 17, n. 32, p. 1-31, 2023.

NASCIMENTO, Luís Filipe da Silva. **Racismo Algorítmico: Inteligências Artificiais, Ratificação de Processos de Marginalização e o Direito**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 12, p. 1345-1358, 2023.

NYLAND, Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima. **Racismo algorítmico: uma revisão de literatura**. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 2, p. e1912239907-e1912239907, 2023.

OLIVEIRA, Cyntia Barbosa; SPOLLE, Marcus Vinicius. **Mulheres negras na internet: discutindo o racismo algorítmico**. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO – ENAPOS, 25, Anais... Universidade Federal de Pelotas, p. 1-6. Pelotas-RS. UFPEL, 2023.

OLIVEIRA, Gabriel de Araújo. **Tecnologias digitais e racismo algorítmico: perspectivas e limites à luz da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais**. 2022. 67 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

OLIVEIRA, Jean Carlos de; ARANTES, Priscila Almeida Cunha. **Alexa, você é racista? Racismo algorítmico, vieses e intencionalidade**. *DAT Journal*, v. 9, n. 1, p. 04-16, 2024.

PRASSL, Jeremias Adams. **What if your boss was an algorithm? Economic Incentives, Legal Challenges, and the Rise of Artificial Intelligence at Work**. *Comparative Labor*

*Law and Policy Journal*, v. 41, n.1, p. 1-30, 2019.:  
<https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:674dbed4-317d-47a9-b10a-688892aeaf34/>.  
Cited: Aug. 16, 2020.

ROCHA, Cláudio Jannotti da; PORTO, Lorena Vasconcelos; ABAURRE, Helena Emerick. **Discriminação algorítmica no trabalho digital**. *Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social*, [S. l.], v. 1, p. 1–21, 2020. <https://doi.org/10.24220/2675-9160v1e2020a5201>.

SANTANA, Paulo Ricardo da Silva. **Racismo algorítmico: análise dos desafios da regulação das tecnologias de reconhecimento facial no Brasil**. 78f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SILVA, Anderson Fontes da. **Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e discriminação nas redes Sociais**. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 188–192, 2023. <https://doi.org/10.29327/269579.6.3-14>.

SILVA, Jonas Sales Fernandes da. **Racismo algorítmico nas relações de consumo**. 2023. <https://www.migalhas.com.br/depeso/388195/racismo-algoritmico-nas-relacoes-de-consumo>.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. Edições Sesc SP, 2022.

SILVA, Tarcízio. “**O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural**”. Entrevista ao Portal GELEDES. 2023. [https://www.geledes.org.br/tarcizio-silva-o-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural/?gad\\_source=1&gclid=EAlalQobChMIkZPe2M\\_HhgMVmxtetBh0wuRZGEAAYASAAEgJKCfd\\_BwE](https://www.geledes.org.br/tarcizio-silva-o-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural/?gad_source=1&gclid=EAlalQobChMIkZPe2M_HhgMVmxtetBh0wuRZGEAAYASAAEgJKCfd_BwE). Acesso em: 20 abr. 2024.

WORLD ECONOMIC FORUM. **HR4.0: Shaping people strategies in the Fourth Industrial Revolution**. Geneva: World Economic Forum, 2019. [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_NES\\_Whitepaper\\_HR4.0.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_NES_Whitepaper_HR4.0.pdf). Cited: Aug. 16, 2023. 2020.